Formação política do professor de história

Marconey de Jesus Oliveira\*

**RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo discutir os principais percalços na formação dos professores de história e ao mesmo tempo avaliar a atuação dos docentes iniciantes dentro das instituições de ensino. Nessa perspectiva busco analisar os velhos desafios e os novos avanços para o ensino. Diversos autores já se mostram interessados na busca para caracterizar os problemas vivenciados pelos professores, dentro das salas de aulas, mais poucos se debruçaram realmente em como esses profissionais estão sendo formados para o mercado de trabalho, dentro dos cursos superiores de licenciatura espalhados pelo Brasil. Muitos consideram a figura da profissão docente como de estrema importância para uma sociedade, mas a mesma sofre de um certo “preconceito” se comparada com outras. Desde modo proponho-me a discutir algumas concepções sobre a formação dos professores e suas problemáticas.

**Palavras-chaves:** Formação. Ensino de história. Professores iniciantes. Cursos superiores.

**ABSTRACT**

This article aims to discuss the main drawbacks in the training of history teachers while assessing the performance of novice teachers within the educational institutions. In this perspective, I seek to analyze the old challenges and new developments in the teaching of history. Several authors have may be interested in seeking to characterize the problems experienced by teachers in the classrooms, and a few really poured into how these professionals ar[[1]](#footnote-1)e being trained for the labor market within the higher education bachelor throughout Brazil. Many consider the figure of the teaching profession as extreme importance for society, but she suffers from a certain "prejudice" compared to others. Since so I propose to discuss some ideas on the training of history teachers and their problems.

  **Keywords**: Training. History teaching. Beginning teachers. Higher education.

**Introdução**

 A discussão sobre a formação de professores é muito difundida no Brasil, mais pouco aprofundada em determinadas questões, principalmente quando se fala na formação dos docentes, ao pesquisar sobre este determinado tema, encontrei vários textos voltados para o geral, que englobava a profissão como um todo, sem questionar a formação inicial. Quando se fala na formação dos futuros professores de história vejo algumas confusões e duvidas, a principal delas é, forma um educador ou um pesquisador? Claro que pode se conciliar as duas características em um mesmo profissional, levando em consideração que o professor é um pesquisador por excelência.

 Busco escrever esse trabalho motivado pela minha experiência como aluno da graduação do curso de licenciatura em história pela UNEB, é através de minha convivência no determinado assunto que tento perceber os principais desafios e percalços que se encontra na formação docente da atualidade. Uso como base para as minhas considerações, textos e discussões trabalhados pelos meus professores do ensino superior dentro da sala de aula e outros escritos sobre o tema para ajudar na formação de opinião e tentar entender a questão em diversos patamares.

 Outra ênfase que procuro mostrar nesse artigo é como está a situação dos cursos superiores que visa exclusivamente a formação docente, dentro das universidades. E entre outras coisas busco mostra a situação dos professores de história iniciantes e quais os principais problemas que enfrentam nos seus primeiros contatos com a profissão e como sua formação inicial ajuda a lidar com eles.

1. problemas da formação docente

 Pensar a formação docente no século XXI é vislumbrar um caminho com grandes dificuldades e desafios. Pesquisa realizada pela Revista Nova Escola entre os meses de janeiro e fevereiro de 2010, mostra que apenas 2% dos alunos do ensino médio entrevistados, pretendem prestar vestibular para os cursos de licenciaturas e pedagogia, ambos têm como principal intuito a formação de professores, esses dados constatados pela pesquisa mostram o desprestigio que a profissão vem sofrendo nos últimos anos.

 A formação dos professores vem se modificando com o passar dos tempos, antigamente era uma das profissões mais prestigiadas, exercida por pessoas que detinha algum poder financeiro. Hoje vemos que os cursos de licenciaturas são basicamente constituídos por alunos das escolas públicas que não tem recursos financeiros para estudar outras áreas. Segundo a autora Ismênia de Lima Martin (2007), “estamos diante de algo novo e instigante: o acesso a profissão docente dos setores menos favorecidos”.

 Aqueles que decidem entrar no “mercado” da educação encontra universidades com grades curriculares de mais 10 anos atrás, que não correspondem com as necessidades atuais, tanto dos alunos quanto dos professores. Essas grades curriculares foram reformuladas, segundo Maria Helena G. Frem Dias da Silva (2005), entre 2002 a 2004. Vendo esse quadro eu faço um questionamento, já não estaria na hora de buscamos uma nova reformulação nos currículos de nossas universidades?

 Minha análise sobre a formação docente vai muito além de questionar os currículos universitários, temos de ampliar os olhares para o sistema como um todo, para que possamos observar as limitações e restrições que cercam os cursos de licenciaturas. Segundo Severino (2003), uma dessas limitações seria:

A pedagogia dos cursos de formação docente tem se marcado por uma forte tendência à exposição, a transmissão de informações, pelo professor, numa simples cadeia de repetições e reproduções. Vale dizer que a postura investigativa não se faz presente ao longo do processo pedagógico de formação. (SEVERINO 2003, p. 76)

 Severino, descreve um dos ranços que se perpetuam dentro dos cursos de licenciatura, esse seria o ensino através das repetições e reproduções do conhecimento que visa só a transmissão, pura e exclusivamente de informações. Para começarmos a mudar esse quadro temos que pensar em construir o conhecimento e não puramente reproduzi-lo, podemos perceber que em países considerados desenvolvidos, essa é uma pratica bastante utilizada. Segundo Pedro Demo (2002 p.2), essa concepção de transmissão de conhecimento é “uma das coisas mais erradas, mais retrogradas da nossa vida escolar é a mera transmissão de conhecimento. Isto já é tipicamente coisa de pobre para pobre”.

 A formação do professor e principalmente o de história tem que ser feita de uma forma crítica para que ele possa pensar, compreender e perpassar essa mesma visão para seus futuros alunos, algo a mais que uma simples transmissão do conhecimento. No ensino de história o professor tem que ser capaz de causar no aluno uma visão de investigação, um olhar crítico para que o mesmo consiga adquirir entendimento e assim ver os conteúdos de forma que possa construir suas próprias conclusões. Segundo Magalhães (2011), são exigidas novas formas de conhecimentos aos docentes de história:

Hoje são solicitadas novas exigências de conhecimento aos professores principalmente aos de história, designadamente necessidade de transitar por temas e lugares com as mais variadas possibilidades culturais e profissionais, na sala de aula, nos arquivos e em museus e nas próprias escolas, explorando espólios, bibliotecas, sujeitos e culturas. (MAGALHÃES 2011, p.1 e 2).

 Essas concepções tidas por Magalhães (2011), teoricamente seria primordial para a formação dos professores, um sujeito que pudesse transitar em diversos espaços explorando as mais variadas culturas, mais na pratica podemos ver profissionais limitados que não enxergam muito além dos livros didáticos. A grande maioria dos escritores, concorda com a ideia de que, o ensino de história deve ser feito de forma que leve os alunos a desenvolver olhares críticos, mais para que isso possa ser possível, á uma obrigação de formar professores com esse mesmo olhar de criticidade para que ele se torne um profissional qualificado para o ensino.

 A concepção da formação docente nos dias atuais, visa um profissional com características tecnicista, pois tem como principal meta, transmitir conteúdos de forma rápida e em um menor espaço de tempo, para as autoras Costa e Peixoto (2011), “a produção de conhecimento e reflexão estão distantes das academias e dos projetos de formação de professor”. Na mesma linha de pensamento, as duas autoras abordam que a formação docente da atualidade é descontextualizada da realidade e por sua vez da sala de aula e do espaço escolar com toda a sua complexidade.

 A formação para a docência não pode ficar só restrita aos modelos técnicos, ele tem que buscar abranger áreas maiores do conhecimento. Segundo Severino (2003), quando se fala na formação de educadores tem que ter em mentes:

Não se tratar apenas da sua habilitação técnica, da aquisição e do domínio de um conjunto de informações e de habilidades didáticas. Impõe-se ter em mente a formação no sentido de uma autentica *Bildung,* ou seja, da formação humana em sua integralidade. (SEVERINO 2003, p. 74).

 Abordo esse tema pois, na universidade escuto muito, “ser professor é uma questão de técnica”, claro que os docentes devem usar de técnicas pedagógicas para a aplicação dos conteúdos em salas de aulas, mas creio que este tipo de técnica não deva sistematizar ou permear o ensino como um todo, deixando dessa forma o professor com certas autonomias para aplicar determinados assuntos em salas de aulas. Segundo Dias da Silva (2005):

Parece impossível negar que professores foram resinificados para a compreensão e consolidação do processo de educação escolar. Esta perspectiva diversa implicou uma concepção diversa tanto tecnicista, que reduzia os professores a meros executores de planos elaborados alhures, impondo-lhe “pacotes pedagógicos” quase sempre inviabilizados pelos rótulos de incompetência que lhe foi atribuído, quanto da concepção produtivista que os anulava sob o rótulo de alienados perturbadores da ideologia de uma classe dominante perversa. (DIAS DA SILVA 2005, p. 383 e 384).

 Segundo a autora com a nova perspectiva dos currículos das universidades a partir de 2004, que visa um ensino tecnicista, o professor virou um mero executor de planos e pacotes pedagógicos, preocupado com a reprodução de determinados conteúdos que na maioria das vezes são preparados para atender uma classe dominante que agrega grandes interesses na formação de operários e não de pensadores. Na formação do professor, busco também desvencilhar as ideias de sacerdócio e vocação no ensino, pois creio que o professor se faz, não nasce.

 Hoje somos obrigados a ver os problemas da educação como algo político nacional e não mais pedagógico e a formação docente também se encaixa nessa perspectiva, pois os professores são vistos como uns meros aplicadores de aulas e nas melhores estimativas - aqueles que vendem suas aulas para poder sobreviver - e nada a mais que isso, quando na verdade a maioria dos docentes em atuação sofre com as acumulações de cargos dentro das fundações de ensino, eles são: professores, pedagogos, psicólogos e etc... E muitas dessas funções não são ensinadas nos cursos de licenciaturas e pedagogias instalados pelo Brasil afora. Segundo Demo (2002), a função do professor vai muito além de uma aula:

Professor é outra coisa, professor é aquele que cuida que seu aluno aprenda, e para que o aluno aprenda, ele tem que aprender. Sabendo do aprender bem, conseguira que o aluno aprenda bem. Então não é só dar aula de matemática, é cuidar que o meu aluno aprenda matemática. (DEMO 2002, p. 3).

 A ideia que o autor tenta nos trazer é que precisamos ver a figura do professor como algo além de uma mera aula expositiva e sim um profissional que seja capaz de conduzir seus alunos pelo caminho da aprendizagem e que aprenda junto com eles. Mas quando se fala no ensino de história nas escolas e colégios, podemos perceber que as coisas vão além, pois para muitas pessoas, qualquer um outro docente formado em quaisquer áreas estar capacitado para o ensino da disciplina. Devemos ressaltar dentro desse contexto a falta de profissionais licenciados em história para atuar nas instituições de ensino. Segundo Luiz Fernando Cerri (2013, p. 20), “a legislação federal atual só reforça o quadro, ao dicotomizar as formações e ao negar a condição de pensador educacional ao formador do professor de História”.

**1.1 ensino superior e a formação de professores;**

 Para que possamos entender como funciona a política da formação docente, temos que caracterizar e conceituar a verdadeira função do ensino superior, quais suas metas, objetivos e pressupostos para a profissionalização dos seus alunos, - neste caso para a formação dos professores -. Estamos vivendo a alguns anos, as expansões das universidades, - tanto públicas quanto privadas - aos interiores do Brasil, levando em sua grande maioria diversos cursos de licenciatura para a população, mostrando assim o que os teóricos chamam de interiorização das universidades.

 Segundo Ana de Sena Tavares Bezerra (2010), criou-se no Brasil durante muito tempo uma necessidade por pessoas capacitadas, aptas para assumir a própria produção e o desenvolvimento do conhecimento no nosso país, segundo a autora a produção do próprio conhecimento leva a conquista de independência e o ganho da autonomia. Segundo Bezerra (2010):

O ensino superior é destacado nesse cenário como tendo uma importante tarefa a cumprir, uma vez que cresce a demanda por jovens com formação especializada e em condições de assumir novos postos de trabalhos. Segundo a conferencia sobre o ensino superior, realizado pela UNESCO na cidade de Paris em 2009, “nunca na história foi tão importante investir na educação superior como força maior na construção de uma sociedade inclusiva e de conhecimento diversificado, além de avançar em pesquisa, inovação e criatividade (UNESCO 2009, p. 2) ”. (BEZERRA 2010, p. 60).

 Essa linda definição que a autora traz sobre o ensino superior e sua capacidade de promover certas independências e autonomias para os sujeitos é muito bem aplicável em determinados cursos de graduação, mais para a formação de professores estamos muito distantes desse ideal. A grande maioria dos cursos de licenciaturas são esquecidos em universidades precárias, jogando dessa forma tanto os alunos quanto professores ao descaso, privando-os de construir o conhecimento, que seria algo primordial aos cursos superiores. Podemos dizer que a maioria dos descasos encontrados nas universidades acontecem nas sedes do interior, por estar longe dos centros administrativos das faculdades, mostrando assim que nem sempre quantidade é igual a qualidade.

 E essa precariedade do ensino superior reflete de forma incisiva na formação dos alunos, a grande maioria não se sente preparados para enfrentar o tão concorrido mercado de trabalho. Segundo a pesquisa da Revista Nova Escola (2010), “apenas 3% dos cursos de graduação de pedagogia conseguiu nota máxima (5) no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), e na mesma linha apenas 28% das disciplinas dos cursos obteve nota satisfatória no exame”. O Enade é um exame para se medir a qualidade e eficiência dos cursos superiores levando em consideração vários fatores dentro das universidades, o mesmo sofre várias críticas tanto de professores quanto principalmente dos alunos, segundo alguns estudantes são cobrados saberes e conhecimentos fora de alcance da formação que estão tendo dentro das academias.

 Essas questões levantadas pela Revista Nova Escola, trazem à tona as deficiências da formação inicial dos cursos que visam a profissionalização docente, hoje estar sendo muito difundida a ideia de formação continuada para a melhorias e qualificação dos profissionais da educação, jugo ser uma medida louvável e que deve ser incentivada pelos poderes públicos como uma forma de melhoria na educação. Mas temos que ter em vista que a formação inicial é de estrema importância para a carreira do professor. Segundo Perrenoud (2001) apud Rodrigo Lemos Simões (2012 p.86), “a formação inicial é considerada pelos professores como demasiadamente teórica ou não suficiente prática, muito afastada da realidade da sala de aula e ligada a modelos pré-estabelecidos”.

 A formação inicial se faz de estrema importância para a construção dos profissionais e na docência não é diferente, basicamente ela vai transmitir tudo aquilo que o futuro professor vai precisar em sua vida profissional. É nessa primeira fase que os alunos vão desenvolver a pragmática do “ser professor” e ter contato direto com a sala de aula, além dessa os processos formativos ficam responsáveis pelos os ensinamentos de práticas pedagógicas e metodológicas, mostrando assim os macetes, técnicas, e metodologias que poderiam ser desenvolvidas nas instituições de ensino. Então fica evidente que para se ter uma formação continuada eficaz é preciso ter primeiro uma boa formação inicial.

 Segundo os autores Camila Zanella e Ricardo Tescarolo (2010 p. 4), “a formação inicial docente possibilita o entendimento e o desenvolvimento didático do professor em sala de aula, por isso, para que este desenvolva um bom trabalho, a graduação deve ser o primeiro passo para a reflexão do conteúdo e da prática adotada”

 Para Luiz Fernandes Dourado (2007), podemos perceber que a formação dos professores no Brasil se interliga com a gestão educacional e por isso temos que considerar diversos fatores no processo formativo. Para Dourado:

A problematização das condições de formação e profissionalização docente coloca-se como questão interligada a gestão educacional e, nesse sentido, deve considerar os diferentes fatores que interferem na atuação dos profissionais da educação, bem como possibilitar o acesso a processos formativos que não descurem de uma base sólida de formação, não se reduzindo a disseminação de metodologias e estratégias de aprendizagem. (DOURADO 2007, p. 924).

 Em suas considerações Dourado relata que a formação dos professores se faz como algo interligado a gestão educacional e por esse fator á de se compreender várias interferências na atuação dos profissionais da área. Seguindo em linhas gerais o autor sugere que para “rever a formação pedagógica requer, portanto, a articulação entre as políticas educacionais e as concepções de formação enquanto processo de construção coletiva” (Dourado, 2007 p. 924).

 Voltando a questão dos cursos superiores, temos que ter em vista, que um dos seus principais objetivos é a formação de profissionais capacitados para um mercado de trabalho que a cada dia torna-se mais concorrido e exigente. Segundo Bezerra (2010), além da profissionalização, o ensino superior tem como finalidade reforça a importância da pesquisa do conhecimento científico e o pensamento reflexível, proporcionado para os alunos a produção do conhecimento e com ele a melhoria de vida.

 Em seu texto “*Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitário*” (2000), Maurice Tardif aponta várias concepções sobre a problemática da profissionalização dos professores, sendo ele tanto de cunho epistemológico quanto pratica. Para Tardif a formação no magistério se dar em um modelo “aplicacionista” acarretando uma série de problemas, que na visão do autor perfazem em dois principais:

Primeiro problema: ele é idealizado segundo uma lógica disciplinar e não uma profissional centrada no estudo das tarefas e realidades do trabalho dos professores. Segundo problema: esse modelo trata os alunos como espíritos virgens e não leva em consideração suas crenças e representação anteriores a respeito do ensino. (TARDIF 2000, p. 19).

 Para Tardif o modelo “aplicacionista” dentro da formação docente afasta os profissionais da realidade de suas profissões, e podemos concluir que dessa forma acaba afastando o professor da realidade das salas de aulas, aonde eventualmente ele vai efetuar seu trabalho. Para Simões (2012), a um choque de realidades entre a formação acadêmica e a prática de ensino nas escolas, segundo o autor á “dilemas e ambiguidades no interior dos cursos de formação de professores” como por exemplo a separação entre disciplinas pedagógicas e especificas.

 A equação no processo formativos dos cursos superiores de licenciaturas não fecha, a questão é simples, não basta dá a profissionalização ao aluno, se não o capacitas e na mesma linha mostra para ele o verdadeiro significado da profissão. E sobre essa questão o autor Severino (2003), aborda que:

A preparação do educador deve realizar-se, pois, de maneira a torna-lo um profissional qualificado, plenamente consciente do significado da educação, para que possa, mediante o exercício de sua função, estender essa consciência aos educandos, contribuindo para que vivenciem a dimensão coletiva e solidária de sua existência. (SEVERINO 2003, p. 78).

 Como foi citado a cima a profissionalização docente, entra em uma verdadeira crise de identidade, e essa acontece pelo fato dos alunos não se sentirem preparados pelos cursos superiores para atuar dentro das instituições de ensino, tornando-se dessa forma professores sobrantes, assim descrito por Kuenzer (1999). Para Severino (2003), a preparação dos futuros educadores tem que ser feita na medida, para torna os alunos de licenciaturas futuros profissionais qualificados, vislumbrando o verdadeiro sentido da educação, e vou muito além desvendado o verdadeiro sentido de ser professor.

 Cabe aos cursos de formação docente e universidades, debater e rever as questões relacionadas ao processos formativos e profissionalização dos seus alunos, e na mesma linha mostrar a importância e a relevância que a profissão tem para a sociedade como um todo. Creio que dessa forma os estudantes vão perceber e compreender os desafios e sua importância para resolvê-los.

**2. Professores iniciantes;**

 Depois de delinear sobre o processo formativo e os problemas vividos pelos cursos que visam a formação docente, passo agora a tentar observa como estar sendo a inclusão dos professores iniciantes no mercado profissional da educação. E como suas estadas nas universidades ajudaram a lidar com os problemas encontrados no cotidiano das instituições de ensino, e dentro dessas perspectivas, caracterizar ao avanços e recuos que a profissão vem sofrendo ao longo dessa década.

 Uma das principais perguntas feitas aos cursos de formação docente, questiona a capacidade dos alunos recém graduados, será que os mesmos estão prontos para assumir uma sala de aula. A resposta é simples, na teoria sim, mas na prática a visão é outra, e bem diferente, uma coisa é você ter aulas de formação política, pedagogias, livros didáticos e outra bem contundente será assumir uma sala com quarenta alunos e todas suas necessidades. Segundo as ideias Lemos Simões (2012), a grandes disparidades entre teorias e práticas na formação dos professores, que nem mesmo os estágios conseguem superar, para o autor:

A relação entre teoria e prática, no campo de formação docente, se constitui então como amplo problema dos cursos de formação de professores. As reformas educacionais alegam a necessidade de um novo modelo de formação em sintonia com as mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas. (SIMÕES 2012, p. 2 e 3).

 Essas questões entre os cursos de formação docente e a realidade das salas de aulas perfaz um dos grandes problemas para os professores em sua iniciação. Para Simões (2012), as dificuldades entre a realidade do ensino e os cursos de formação dos professores, se manifesta, logo nos primeiros contatos com as salas de aulas, que seria o estágio curricular, e acaba permeando no início da carreira do docente. Não vou me ater a esta questão por acreditar já ter tratado dele em partes anteriores do texto.

 Uma grande dificuldade para os professores iniciantes e suas carreiras é não dar aulas em sua área de formação, precisando se adequar em outras disciplinas para poder trabalhar, desta forma o sistema educacional acaba semelhando-se com a forma “taylorista/fordista”, bastando que o professor seja graduado em qualquer especialidade para poder atuar. Podemos perceber que essa pratica acaba por restringir o conhecimento dos recém professores, obrigando eles a fazerem rápidas adaptações dentro de curtos períodos de tempo.

 Sem duvidadas, um professor que trabalha em sua área de formação será mais produtivo e contara com um leque maior de conhecimento sobre os assuntos. Segundo Carlos Marcelo Garcia (2010), “a forma como conhecemos uma determinada disciplina ou área curricular, inevitavelmente, afeta a forma como depois a ensinamos”. Obviamente tem conhecimentos no ensino de história que só o professor graduado na área vai saber trabalhar e assim é em todas as outras disciplinas.

 Para os autores Rodrigo Medeiros dos Santos, Aldenize Ruela Xavier, Kelle de Cássia Rodrigues Menezes e Mariana Mourão Omena, no Brasil essa situação vivida pelos professores de trabalha fora da sua área de formação é muito comum, primeiro pela falta de profissionais em determinadas áreas e segundo pela falta de opção para vários professores. Segundo os autores a prerrogativa é essa:

Em muitos lugares do Brasil há um problema comum, a falta de professores de uma determinada disciplina e o contraste em outras, ou mesmo a falta de vagas em ambas as situações. Essa constante leva o recém-formado, seja por necessidade ou por falta de opção a se submeter a atuar em uma área diferente para a qual foi qualificado, gerando o desvio de função do professor, não só dentro da profissão, desviando-se apenas da disciplina que deveria lecionar, mas também a migração para outras profissões completamente opostas ao exercício da docência. (MENEZES, OMENA, SANTOS e XAVIER 2013, p. 1 e 2).

 Os escritores tentam nos mostrar exatamente, que esses desvios ocasionados dentro da profissão docente acabam distanciando o professor de sua eventual formação e na grande maioria das vezes optando por trabalhar em outras áreas que não seja a da educação. Para os quatro autores esses desvios de funções, tidas pelos professores, ocorre tanto com os recém-chegados a profissão e principalmente com aqueles que habitam a mais tempo a profissão docente.

 Uma outra característica que deve ser levada em consideração é que tanto Menezes, Omena, Santos e Xavier (2013), escrevem seu artigo a partir do estudo de caso, com turmas da PARFOR, que teoricamente são professores que já atuam, e acaba sofrendo com esses mesmos desvios de funções tidas nas escolas.

**2.1 os currículos escolares;**

 Os currículos escolares, perfazem hoje um grande problema para os professores iniciantes, pois geralmente vem prontos e obrigam os docentes a segui-lo à risca, causando dessa forma uma quebra da autonomia dos professores. Para Marcos Silva e Selva Guimarães Fonseca (2007), o currículo é algo histórico, político, econômico e social, que levanta muitos interesses para a sociedade. Para os autores:

O currículo é temporal. É histórico. Medeia as relações entre escolas, conhecimento e sociedade. É relacionado. Busca a compreensão das permanências e das transformações no que se refere aos objetivos da escola (o que ela faz) e com quem ela estabelece relações (a quem ela atende e de que modo). (GUIMARÃES e SILVA 2007, p. 49).

 O currículo para Veiga-Neto “traz para a escola, elementos que existem no mundo e cria, na escola, sentidos para o mundo” (p. 101). Muitas vezes os currículos impostos nas salas de aulas, acaba não trazendo essa realidade do mundo, como descreve Veiga-Neto ou aborda uma totalmente diferente do cotidiano do aluno e do professor. É isso que os autores da citação acima tentam nos mostrar, a quem esses currículos atendem?

 O professor é aquele que reflete sobre o que faz e faz escolhas sobre o que ensina ou deixa de ensinar e tem saberes múltiplos (MCLAREM, 2000). Cabe ao docente saber o que é melhor para seus alunos e mostrar os conteúdos de uma forma crítica que estimule a reflexão dos mesmos. A formação dos professores mostra que eles podem se sobrepor aos currículos escolares desde que observem que ele não seja bom para seus discentes ou não mostre a história da sociedade como um todo. O currículo serve para orientar e guiar o trabalho na escola (Apple 1982), não para ser seguido de uma forma intocável.

 Uma das principais características dos currículos para Guimarães e Silva é de manter um certo “controle sobres as pessoas”. Entendendo essa definição do poder exercido pelos currículos, podemos observar que além desse mecanismo de “controle” feitas para aprender os alunos em conteúdos poucos estimativos, os planos curriculares servem para aprisionar os professores em propostas pré-estabelecidas por outras pessoas com interesses opostos ao dos educadores. Para os autores Guimarães e Silva (2007 p. 51), a definição correta seria a seguinte: “concebemos currículo não apenas como um dos elementos que “guiam”, “orientam” o trabalho na escola, mas também como objeto de interesses e disputas sociais e culturais na pratica escolar”.

 Tanto os currículos escolares quando trabalhar fora da área de formação se perpetua como grandes obstáculos para os professores iniciantes, claro que não são os únicos, se fossemos discutir esse assunto encontraríamos temas que com certeza daria para escrever outros artigos. Em relação aos currículos, os professores iniciantes se sentem desconfortáveis em fazer mudanças nos planos e acaba optando por um já pré-estabelecido sem ligar muito para sua realidade e a do aluno. E na questão do trabalho fora da área de formação, infelizmente é uma pratica bastante presente em nosso sistema de educação, muitas vezes ocorrido pela falta de docentes em determinadas disciplinas.

**Considerações finais**

 Chegando ao final deste artigo, podemos perceber que várias críticas e questionamentos foram feitos aos programas de formação de professores e aos cursos superiores que tem esse mesmo proposito. Posso dizer que não me preocupei em esclarecer esses questionamentos ou tentar descontruir essas críticas sobre a formação dos futuros docentes e sim mostra-la em um âmbito maior, erro meu? Não sei, deixo essa pergunta para a conclusão dos leitores.

 Podemos concluir de imediato que a formação dos professores passa por terríveis graus de precarização e sucateamentos nas instituições de ensino superior. Temos que ter em vista, que essas situações influência de forma decisiva no processo formativo dos futuros professores e em sua carreira profissional.

 Para que possamos mudar essa situação precisamos que a formação inicial seja constituída de significados e valores para os alunos, que eles possam compreender o verdadeiro sentido do “ser professor” e da responsabilidade que espera esses estudantes fora das universidades, dentro das salas de aulas. O professor tem que ser visto como uma peça de estrema importância dentro da sociedade, ele vai ser um formador de cidadãos e da cidadania popular.

 A falta de atratividades na carreira docente é indicada por vários especialistas como sendo a principal causa de desanimo entre os profissionais iniciantes. Para Rezende (2010), “os recém-formados não se sentem confortáveis para lidar com essa profissão, que exige tanto”. Segundo o relatório final da Revista Nova Escola (2010), essa falta de interesse pelo magistério dos mais jovens foi tratado em uma reunião em 2008, pela organização internacional do trabalho (OIT) e a organização das nações unidas (UNESCO).

 Essa mesma revista vai além, em nos mostra que a docência deixa de ser a cada dia uma opção profissional para os jovens, dentro dessa constatação podemos observar a baixa atratividade da carreira e as dificuldades que os alunos enfrentam dentro das instituições de ensino superior até sua firmação no mercado de trabalho.

 Imaginamos que os estudantes já sofrem com uma formação precária e com os descasos nos cursos superiores, quando começa a trabalhar tem que se adaptar com outras disciplinas e com currículos escolares que não está dentro de sua realidade e com a questão da indisciplina que por si só já daria um artigo inteiro, que atratividade essas informações nos trazem? Creio que nenhuma. Para Demo (2002), “o professor não pode cuidar da inclusão dos outros, enquanto não for incluído”.

 Já está na hora de se começar a pensar em estratégias para a melhoria da profissão docente. A Revista Nova Escola (2010), aponta para várias formas de melhorar a situação dos professores, além de uma boa reforma no piso salarial, melhorar também a formação inicial e resgatar o valor da profissão na sociedade entre outros. A tarefa não é fácil, mas tenho certeza de que venceremos, não apesar, mas porque somos professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Ana de Sena Tavares. **Pesquisa e formação reflexiva no curso de história: Estudo sobre o ensino na universidade**. Fortaleza, 2010.

CERRI, Luiz Fernando**. A formação de professores de história no Brasil: Antecedentes e panorama atual.** Brasília: História, historias vol. 1, 2013.

COSTA, Divina Rosangela de Souza, PEIXOTO, Joana**. Ensino e formação de professores no contexto atual**, 2011.

DEMO, Pedro. **“Democratismo e Pedagogismo*”.*** *Revista de educação CEAP- Ano 09 – n 35- Salvador, Dez/ 2001 (p.19-41).*

 \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **De que escola estamos falando*.*** *Revista de educação CEAP- Ano 10 – n 36 – Salvador, mar/2002 (p.89-102).*

DIAS DA SILVA, Maria Helena G. Frem. **Política formação de professores no Brasil: As ciladas da reestruturação das licenciaturas**. Florianópolis, 2005.

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/.../8995>

DOURADO, Luiz Fernandes**. Políticas e gestões da educação básica no Brasil: limites e perspectivas**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100- especial, p 921-949, out. 2007. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1428100.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1428100.pdf)

KUENZER, Acácia Z, “**As políticas de formação: A constituição da identidade do professor sobrante***”. Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, dezembro 1999*

MAGALHÃES, Justino. **O ensino da história da educação***.* In***. O ensino da história da educação***, Marta Chagas de Carvalho, Décio Junior (org.). Vitória: EDUFES, 2011.

<https://pt.scribd.com/doc/57774495/Ensino-de-historia-da-educacao>

MENEZES, Kelle de Cássia Rodrigues, OMENA, Mariana Mourão, SANTOS, Rodrigo Medeiros, XAVIER, Aldenize Ruelas**. Desvios de função de professores: Estudo de caso em turmas da PAFOR em duas escolas públicas de Santarém**. Montevidéu, Uruguai: VII CIBEM, 2013.

MONTEIRO, Ana Moreira F. C. Gasparello, MEDEIROS, Arlett e MAGALHÃES, Marcelo de Sousa (org.). **Ensino de História, Saberes e Praticas**. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2007.

Revista Nova Escola**: Atratividade da Carreira Docente no Brasil.** 2010.

**revistaescola**.abril.com.br/edicoes-especiais/032.shtml

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Preparação técnica e formação ético-política dos professores**. In***. Formação de educadores: desafios e perspectiva*** /organizadora Raquel Lazzari Leite Barbosa- São Paulo: Editora. UNESP, 2003.

SILVA, Marcos. FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar História no Século XXI: Em busca do tempo entendido**. Campinas SP: Papirus, 2007.

SIMÕES, Rodrigo Lemos**. Formação de professores na área de história**: **Entre prática e discursos**, 2012.

TARDIF, Maurice**. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério**. *Revista brasileira de educação, 2000.*

ZANELLA, Camila, TESCAROLO, Ricardo**. A prática dos professores recém-formados e a sua formação continuada**, 2010.

1. \*Graduando em história pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) [↑](#footnote-ref-1)